- II -**INDISCIPLINAS E ESCOLARIZAÇÃO EM ANÁLISE**

Ana Laura Poveda Cassiano - UFSCar
analpca@gmail.com

Profª Drª Renata Moschen Nascente – UFSCar
rmmnascente@gmail.com

A educação atualmente tem sido alvo de muitas críticas e, ao mesmo tempo, é exaltada sob um caráter salvacionista. Embora a escola contemporânea seja vista como incapaz de desempenhar suas funções educacionais, considerando os casos de insucesso de muitos(as) alunos(as), ela ainda continua sendo vista como uma das propostas de solução para os problemas da sociedade.

Pensando no contexto atual e suas demandas, e considerando que a indisciplina e o baixo aproveitamento dos(as) alunos(as) hoje são percebidos como duas grandes barreiras para aprendizagens bem-sucedidas, com suas causas ainda em processo de serem desveladas, o objetivo da investigação da qual deriva este artigo foi analisar a relação entre escolarização e indisciplinas, tentando compreender como diferentes formas de organização escolar podem influenciar as atitudes dos(as) alunos(as) na escola, enquadrando-os(as) nos padrões disciplinares ou fazendo com que eles(as) reajam contra esses padrões, por meio de indisciplinas, como uma forma de resistência.

Desse modo, a questão norteadora foi: A escolarização que tem sido ofertada aos nossos estudantes contribui para a intensificação das indisciplinas nas escolas? Que foi respondida, parcialmente, por meio de uma metodologia bibliográfica, qualitativa e exploratória (BOGDAN; BIKLEN, 2010; GIL, 2002), tendo como procedimentos levantamento e análise artigos referentes à temática. Optou-se pelo termo indisciplinas ao invés de indisciplina pela multiplicidade de situações que ocorrem nas escolas que quebram as regras estabelecidas pela organização escolar (NASCENTE; LUIZ; FONSECA, 2015). Dessa forma, foram analisadas produções acadêmicas que abordam o tema. Essas análises indicaram que as indisciplinas nas escolas e, possivelmente, suas causas estão relacionadas às

concepções de educação vigentes nas escolas, e, conseqüentemente, com as escolarizações ofertadas a crianças e jovens.

O objetivo da escola de educação básica escolar parece estar bastante definido no imaginário social. É perceptível com base nos discursos da sociedade e da mídia que a escola está sempre atrelada ao desejo de formar cidadãos e que é impensável uma sociedade sem escolas. Porém, como a nossa própria história revela, nem sempre existiram instituições responsáveis diretamente pela educação formal das populações. Dessa forma, é importante pensarmos sob quais objetivos a educação por elas ofertada tem se estruturado ao longo do tempo.

Por meio do levantamento realizado, pode-se afirmar que as escolas têm seus objetivos pautados nos interesses políticos e econômicos de cada época. Porém, atualmente, percebe-se certa indefinição dos propósitos escolares, o que tem gerado conflitos de interesses. Os textos analisados apontam que, em sua maioria, as escolas valorizam práticas voltadas à formação de mão de obra e para o mercado de trabalho. Por outro lado, algumas escolas apresentam propostas alternativas para uma formação integral, voltada ao desenvolvimento da consciência da realidade social, potencializando o empoderamento dos(as) estudantes em relação a necessárias mudanças em nossa sociedade. Assim, pode-se afirmar que o desencontro entre estudantes e escola é próprio da época de transição na qual nos encontramos, de uma escola ainda arraigada à tradição de aulas centradas nos(as) professores(as) e em materiais didáticos prescritos, permeada, dessa forma, por relações verticais, nas quais professores(as) e estudantes são executores de políticas públicas sobre as quais não têm participação alguma. Essa é a perspectiva pela qual as indisciplinas são analisadas, compreendendo-as como um aspecto integrante dos atuais contextos escolares.

Um dos resultados da pesquisa desenvolvida foi o de que há uma multiplicidade de definições de indisciplina, e, portanto, qualquer conceituação deve ser relativizada em relação ao contexto de sua produção. Essa característica propicia um dinamismo muito grande à discussão sobre as indisciplinas que são constituídas em função das relações estabelecidas em cada escola. Nesse sentido, De La Taille (1996) afirma que a análise dos múltiplos conceitos de indisciplina requer identificação e esclarecimento de qual é a perspectiva teórica que os baseiam, uma vez que as indisciplinas são objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, devido, mormente, à complexidade intrínseca a essa problemática.

Também foi possível identificar, por meio da investigação, que há uma espécie de senso comum escolar, caracterizado por constantes reclamações das equipes em relação às indisciplinas praticadas por crianças e jovens e que os encaminhamentos propostos têm

características paliativas e/ou punitivas, não havendo consistência na busca de propostas para se lidar com esse problema de maneira a incorporá-lo às ações educativas, fazendo dele parte do trabalho pedagógico a ser desenvolvido. Deve-se ressaltar ainda, que nesse senso comum, estudantes e suas famílias são culpabilizados individualmente pelas indisciplinas, havendo a psicologização e medicalização de abordagens. A escola, dessa forma, exime-se parcialmente de sua responsabilidade na formação de seus/suas alunos(as).

Foi possível também evidenciar a forte relação entre a temática da indisciplina com a função social da educação escolar, que por sua vez se confunde com o papel das famílias na formação de crianças e jovens. Uma discussão promissora, a ser desenvolvida, tendo o potencial de subsidiar parcerias entre escolas e famílias na oferta de educação básica de qualidade social.

Além disso, a análise dos textos demonstrou que as indisciplinas são superdimensionadas pelas diversas mídias e redes sociais, que as divulgam como fenômenos incontroláveis e alarmantes, frequentemente confundindo atos de indisciplina com violência, que, na realidade, tem presença moderada nos contextos escolares.

O levantamento realizado apontou ainda diferentes aspectos relacionados às causas das indisciplinas, que podem ser explicitados pelos seguintes eixos: conflitos geracionais, que produzem descompassos entre organização escolar e estudantes, o que desmotiva todos os atores escolares; falta e/ou desconhecimento de regras construídas coletivamente; conflitos ignorados e/ou mal encaminhados; relações de poder centralizadas na equipe escolar; falta de diálogo entre equipes, estudantes e famílias.

Assim, pode-se afirmar que os resultados da investigação indicaram que as indisciplinas nas escolas e, possivelmente, suas causas estão relacionadas às concepções de educação que as escolas possuem e, conseqüentemente, com os processos de escolarização nelas engendrados. Desse modo, compreende-se as indisciplinas como conflitos inerentes às relações sociais nas escolas e que na sua maior parte referem-se a incivildades (CHARLOT, 2002), ou seja, desobediência às regras, incongruências entre os critérios e expectativas assumidos pelas escolas e as atitudes dos(as) estudantes, portanto podem ser consideradas atos de natureza relacional e contextual.

Por fim, pode-se afirmar que indisciplinas devem estar relacionadas aos processos de escolarização vigentes. Das produções acadêmicas analisadas foi possível depreender que as escolas não são as únicas responsáveis pelas indisciplinas, porém, elas precisam definir cursos de ação para lidar com elas, garantindo o seu propósito fundamental: aprendizagens de seus estudantes. Assim é tarefa das equipes atuar nas relações entre os diversos atores escolares,

intervindo para que as conflitualidades inerentes às relações humanas, configuradas nas escolas como indisciplinas, sejam pistas para o aprimoramento dos processos educacionais e não impedimentos para que eles ocorram da melhor maneira possível. Entende-se, portanto, que esse é um possível caminho para a busca de escolas mais justas e democráticas.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Ed., 2010.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, ano 4, n.8, p.432-443, jul/dez. 2002.

DE LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. R. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996, p.9-24.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

NASCENTE, R. M. M.; LUIZ, M. C.; FONSECA, D. C. Conflitos e livros de ocorrência no cotidiano da escola pública: alguns caminhos de investigação. In: 37º Reunião da ANPED, 2015, Florianópolis, p. 01- 19 out. 2015.